

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**DOMÍNIO HOLANDÊS NO RIO GRANDE DO NORTE: 1630 A 1654**

**ANTONIO MARCOS DUARTE COSTA**

**NATAL/RN  
1997**

ANTONIO MARCOS DUARTE DA COSTA

**DOMÍNIO HOLANDÊS NO RIO GRANDE DO NORTE: 1630 A 1654**

Monografia de conclusão apresentada à disciplina Pesquisa Histórica II, do curso de História, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob orientação do professor Wicliffe de Andrade Costa.

NATAL - RN  
1997

## **~~DEDICATÓRIA~~**

Dedico este trabalho aos meus pais, Antônio Costa e Maria Duarte, e minha namorada Rosiany, que sempre me incentivaram e contribuíram para a realização dos meus objetivos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, que iluminou o meu caminho, mostrando-me o rumo certo para superar todos obstáculos que surgiram.

Aos meus pais, meus irmãos e meus tios, que me deram forças para vencer as dificuldades e atingir meus objetivos.

Ao professor Wicliffe de Andrade Costa, que me ajudou com muita paciência e dedicação na elaboração deste trabalho.

Aos colegas do curso de História da UFRN, que me incentivaram na elaboração desta monografia.

*“Todos os homens sonham, mas não da mesma maneira. Perigosos são os homens que sonham de dia, por que são capazes de viver seus sonhos de olhos abertos, dispostos a torná-los realidade.*

**T.E. Lawrence**

## SUMÁRIO

	<del>Pág.</del>
I - INTRODUÇÃO .....	6
II - RAZÕES DA VINDA DOS HOLANDESES PARA O BRASIL E NO RN ...	8
III - SITUAÇÃO POLÍTICO-SOCIAL DA CAPITANIA NO PERÍODO DO DOMÍNIO HOLANDÊS .....	9
IV - PERÍODO DE DOMINAÇÃO HOLANDESA .....	11
4.1 - Tentativas de Invasão .....	11
4.2 - Posse da Fortaleza .....	13
4.3 - Conde Maurício de Nassau - <u>Siege</u> .....	14
V - MASSACRES .....	16
VI - EXPULSÃO DOS HOLANDESES .....	18
VII - CONCLUSÕES .....	20
VIII - CRONOLOGIA .....	21
IX - BIBLIOGRAFIA .....	23

## I - INTRODUÇÃO

Nos Países-Baixos, durante o século XVII, as classes médias criaram a figura de um Estado europeu, no qual a atividade comercial, representaria a sua principal atividade e a burguesia, a classe dominante, de maior poder participante do governo. Esta burguesia era economicamente responsável pelas transações mercantis, cujos lucros fortaleceriam o crescimento e o poder dos Estados Nacionais.

A Aliança entre Portugal e a Holanda determinou o uso do capital holandês em larga escala para a extensão além-mar dos empreendimentos lusitanos, esta burguesia mercantil, estava em crise financeira em decorrência do declínio do comércio.

O empreendimento luso-holandês compreendia que toda a produção açucareira produzida por Portugal na colônia brasileira, seria revendido para os holandeses, que comercializavam e distribuíam por toda a Europa.

Em 1580, Portugal perde<sup>u</sup> a sua autonomia para a Espanha. Esta crise foi iniciada com a morte do cardeal Dom Henrique. Tropas espanholas <sup>ocupam</sup> sem resistência Portugal. Felipe II <sup>foi</sup> aclamado rei. Estava efetivada a União Ibérica. Este ato proibiria a venda da produção do açúcar luso-brasileiro, para os holandeses que também não poderiam desembarcar em portos portugueses em todo mundo ou exercerem qualquer atividade comercial.

A burguesia holandesa reagiu: contratou corsários para realizarem ataques contra a União Ibérica, visando romper o bloqueio espanhol; foram criadas pelos

flamengos, duas companhias de comércio; uma se encarregava do comércio asiático e a outra do comércio europeu.

Em 1602, a Holanda oficializava as conquistas. Organizava-se a Companhia das Índias Orientais, com autorização de comercializar no Oriente, fechar tratado de paz e declarar guerra em nome do Estado holandês. A formação das companhias coincidiu com o conflito entre a Espanha e as Províncias Unidas, a Holanda se apodera de quase a totalidade do comércio oriental.

Os holandeses visavam reaver todo o capital empregado nos empreendimentos feitos no Brasil pelos portugueses. Foi durante este período que os flamengos hostilizaram com maior intensidade as possessões ultramarinas de Portugal e Espanha.

Apesar da reação holandesa, o embargo espanhol teve êxito, conseguindo desestruturar o comércio açucareiro flamengo na Europa. Por este motivo, a Holanda decidiu invadir o Brasil, na intenção de buscar o açúcar na própria fonte, a fim da recuperação do seu comércio e dos investimentos feitos nos engenhos do Nordeste.



## II - RAZÕES DA VINDA DOS HOLANDESES PARA O BRASIL E NO RIO GRANDE DO NORTE

Historicamente, devemos ressaltar que Portugal e o Brasil estavam sob o domínio espanhol; e a Espanha havia cortado relações político-comerciais, confiscando todos os navios holandeses que estivessem em um dos seus portos.

Os objetivos da invasão holandesa ao Brasil foi de vingar-se do embargo sofrido, interesse comercial na produção do açúcar, moeda forte na Europa e no conceito geopolítico que representaria a conquista holandesa de acesso ao novo mundo.

O interesse de dominar a capitania do Rio Grande era antigo mas concretizado com a formação da União Ibérica contra os Países Baixos, Holanda.

### III - SITUAÇÃO POLÍTICO-SOCIAL DA CAPITANIA DO RIO GRANDE DO NORTE NO PERÍODO DO DOMÍNIO HOLANDÊS

A vida social da capitania do Rio Grande do Norte foi dividida entre a fortaleza, como sede administrativa da capitania e comando militar. Na época Natal contava com poucas casas e apenas uma capela. A capitania era comandada por duzentos homens e setenta oficiais, quando invadida pelos holandeses, era governada por Pero Mendes de Goveia. O governo local era composto por um juiz, um vereador, um escrivão da câmara, um procurador do conselho português e um procurador dos índios.

O domínio lusitano na capitania do Rio Grande visava apenas como ponto estratégico de defesa territorial, sem nenhuma obra pública. Seguros da conquista realizada, o processo de organização administrativa e povoamento da nova capitania muito exigiu dos seus chefes, sobremaneira pela falta de comunicação com as vizinhas Paraíba e Pernambuco. Por isto, a partir <sup>quando?</sup> de então, até o domínio holandês, iniciados em 1633, decorridas 34 anos, os progressos foram modestos, senão nulos.<sup>1</sup>

A colônia iniciada às margens do Potengi, pela peculiaridade do meio carente de recursos, pode ser considerada como de “plantação” ou de “enquadramento”, lição do Padre A. Silva Rêgo, professor da Universidade Técnica de Lisboa: — “o colono limitou-se a explorá-la, a arrancar-lhe a riqueza para, a seguir, a transportar para fora. O colono verdadeiro continua a ser o indígena. O trabalhador é o indígena. O branco, o europeu, limitou-se apenas à direção superior. Nota-se a ausência de famílias brancas,

<sup>1</sup> MEDEIROS, Tarcísio. Aspectos geopolítico e antropológicos da história do Rio Grande do Norte. p.30.

de mulheres brancas, de crianças brancas. Surgem imediatamente vários inconvenientes: a mestiçagem, a tendência para a opressão, o abandono duma exploração racional, preferindo-se apenas a que dá lucros imediatos. O indígena passa a viver sob o domínio do branco, amarrado a idéias de superioridade de uns e de inferioridade de outros. Para o governo geral, todavia, mais interessava manter a posição estratégico-geográfica capaz de assegurar a soberania portuguesa, e o prolongamento futuro para o interior e norte do Brasil.<sup>2</sup>

A cidade possuía uma população de quase trezentos moradores. Grande parte dos habitantes era de formação heterogênea. Os portugueses ocupavam um número superior aos invasores holandeses. Os escravos negros eram importados pelos batavos para trabalharem nos engenhos. Os judeus vieram para o Nordeste em função do entendimento das línguas holandesas e espanholas.

---

<sup>2</sup> Idem. p.31.

## IV - PERÍODO DE DOMINAÇÃO HOLANDESA

### 4.1 - Tentativas de Invasão

Visando a implantação colonial, ocorreu em 1624 em Salvador, Bahia, a primeira invasão holandesa sob o comando <sup>Cia.</sup> das Índias Ocidentais. Foi organizada a resistência liderada pelo bispo D. Marcos Teixeira, mobilizando a população local. Os holandeses percebendo que dominando a Bahia não os garantia a retomada do comércio açucareiro, pois o centro econômico não era Salvador e sim Pernambuco. Por este motivo foi feita a segunda invasão flamenga, em Pernambuco no ano de 1630. Nesta fase, os holandeses enfrentaram resistência dos colonos mas conseguiram ajuda do português Domingo Fernandes Calabar, que levou os batavos a conseguirem diversas conquistas e destruindo inclusive o Arraial do Bom Jesus.

Passando dois anos de domínio em Pernambuco, os holandeses decidiram ampliar o seu poder territorial visando as terras ao Norte, Paraíba e Rio Grande do Norte. A primeira tentativa ocorreu em maio de 1625, sob o comando do capitão Uzeel por Cunhaú e Baía da Traição, retomando a Holanda munido de informações estratégicas sobre a capitania do Rio Grande. Em junho do mesmo ano o almirante Bourwyn Hendickszom mantém contato com o índio Marciliano e diversos indígenas na intenção de firmar uma aliança e colher informações. O almirante Bourwyn retorna para a Holanda com estes indígenas. Em maio de 1630, o Conselho Holandês manda

para espionar e confirmar as informações da capitania do Rio Grande, o holandês Adriano Verdonck. Foram enviadas patrulhas batavas para reconhecimento territorial sob o comando de Joast Closter. Esta expedição percorreu o litoral da capitania do Rio Grande do Norte, em 1631. Foi nesta expedição que os flamengos conseguiram informações importantes que se encontrava em poder dos portugueses, <sup>e</sup> facilitariam a conquista do Ceará. Estes documentos se encontravam em poder do português João Pereira que foi morto num conflito contra os holandeses.

A conquista do Rio Grande do Norte estava se efetivando. Em dezembro de 1631, <sup>partindo</sup> da cidade do Recife composta por uma frota de quatorze navios, dez companhias de soldados, comandada pelo Tenente Coronel Hartman Godefrid Van Steyn - Gallefels e a direção geral de dois conselheiros, da Companhia, Servaes Carpenter e Van Der Haghen. Desembarcando em Ponta Negra, marcharam em direção à <sup>do</sup> Cidade de Natal; os portugueses reagem sob o comando do Capitão-mor Cipriano Pita Carneiro. Os holandeses desistem da investida. Depois passaram por Genipabu, levando diversas cabeças de gado. Fracassando assim a tentativa de dominação holandesa. . . . ?

Em 1632, não se realizou ataques holandeses contra os portugueses mas a partir de dezembro de 1633, <sup>partindo</sup> do Recife a esquadra sob o comando do Almirante Jean Cornelis Lichtard e o tenente-coronel Baltazar Bijma com onze navios e oitocentos homens, com destino a Ponta Negra. <sup>Após</sup> alguns dias aportam em Ponta Negra, dividiram as forças holandesas em duas partes; uma pelo mar e outra terrestre. <sup>foi</sup> estabelecido o cerco holandês contra os portugueses. Os invasores, antes do combate, tentaram obter a rendição da fortaleza por intimação feita pelo Tenente-Coronel bijma ao Capitão-mor Pero Mendes de Gouveia através de uma carta. Mas Gouveia respondeu:

“V. Excia. deve saber que este forte foi confinado a minha guarda por S.M. Católica e só a ela o entregarei.” A artilharia holandesa ataca de maneira voraz.

No dia 12 de dezembro de 1633, foi hasteada a bandeira branca pelos soldados sitiados. O capitão-mor Gouveia estava gravemente ferido. Por este motivo não participou da rendição da fortaleza. Doente e acamado perdia o comando da fortaleza. Keulen e Carpentier se deslocam das esquadras holandesas para a fortaleza para firmar o acordo com rendição do forte. O domínio holandês no Rio Grande do Norte estava efetivado.

#### **4.2 - Posse da Fortaleza**

De posse da fortaleza do Rio Grande do Norte, os holandeses asseguraram a posição conquistada com uma celebração de um ofício de ação de graças ao seu Deus e em seguida, hastearam a bandeira holandesa, com grandes salvas de canhões. As bandeiras lusitanas permaneceram na fortaleza, por exigência dos holandeses, como troféus de guerra. Realizou-se um inventário de todo material que havia no forte, que agora passava-se a ser chamado de Castelo Keulem, em homenagem a um dos diretores da Companhia holandesa. Natal ~~passou~~ passou a ser chamada de Nova Amsterdã.

No período da dominação holandesa a fortaleza teve papel decisivo, como rede de negócios do governo holandês. Neste ano foi criada uma Câmara de Excabinos, composta por holandeses e portugueses, sendo nomeado um esculteto para as funções executivas. Nas aldeias da capitania foram nomeados chefes holandeses dependentes do

governo. A capitania do Rio Grande não possuía autonomia administrativa, dependia da Paraíba.

As preocupações dos holandeses estavam centradas em dominar a capitania e em explorar economicamente.

#### 4.3 - Conde Maurício de Nassau - Siegen

A companhia holandesa, mediante os prejuízos sofridos pelas invasões e guerras durante o período de dominação no Brasil, resolveu enviar o Conde Maurício de Nassau Siagem, com poderes amplos, de pacificar a população invadida e promover o crescimento da colônia. Começando assim uma nova fase da dominação holandesa no Brasil, Nordeste.

Em 1636, a Companhia das Índias Ocidentais nomeou <sup>o</sup> governador da Nova Holanda e comandante geral do exército e da marinha. Chegando no Recife em 1637, Nassau desenvolveu uma grande administração, apoiando os senhores de engenho, tomando medidas no aproveitamento da produção do açúcar; reformulando a administração pública; mantendo os ânimos dos portugueses calmos. Na religião, amparou os calvinistas e permitiu o culto católico. No âmbito militar, conseguiu várias conquistas entre elas: Sergipe, Ceará e Alagoas. Porém, sofrendo derrota na Bahia. Na capitania do Rio Grande, Nassau não a desenvolveu, nem obras públicas. <sup>VERBO?</sup>

Em fevereiro de 1641, Portugal restaura o seu poder, ganhando autonomia própria; estava desfeita a União Ibérica. Portugal assinava uma trégua com a Holanda, permitindo a permanência dos holandeses no Brasil até 1650. Entretanto, a economia

holandesa declinava devido a guerra entre os católicos. A Holanda buscava obter recursos para enfrentar a crise com aumento de juros emprestados aos colonos portugueses. Com isso, o governo holandês impossibilitava a permanência de Maurício de Nassau na Colônia. Em abril de 1642, Nassau era notificado para retornar a Europa no ano seguinte.



## V - MASSACRES

No período da dominação holandesa na capitania do Rio Grande do Norte, destacaram-se historicamente os massacres e atrocidades cometidas pelos batavos, em Cunhaú e Orussu entre outros.

O engenho de Cunhaú foi construído em 1604, pelos filhos de Jerônimo de Albuquerque; Matias e Antônio. Exportava açúcar para o Recife e possuía um porfim,<sup>?</sup> sob o comando do capitão Álvaro Fragoso de Albuquerque e construído por marinheiros de Dunquerque que foi atacado, vencido e destruído pelo Coronel Articlofski em 1634, onde degolaram alguns dos prisioneiros.

O segundo ataque foi em julho de 1645. O judeu Jacob Rabbi apareceu com uma comitiva de índios Janduíis. O mesmo trazia instruções portuguesas de Paul Linge. Publicou um documento convocando toda a população a comparecer à capela para uma reunião, onde seriam dadas as determinações do conselho português. E em plena missa dominical celebrada pelo Padre André de Sorveral, os portugueses foram atacados pelos tapuias,<sup>e</sup> massacrados sem piedade. Morreram ao todo ~~dois~~ sessenta e nove pessoas. A notícia do massacre se espalhou provocando revolta e medo ~~no~~<sup>o</sup> restante da população local. Alguns moradores se refugiaram na Paraíba e outros continuaram no interior.

Nas proximidades de Natal, foi construído um arraial fortificado que abrigava famílias locais e oriundo de Cunhaú. Os holandeses temerosos que o arraial português se transformasse em um centro de maior resistência, resolveram destruir aquele núcleo. Rabbi e os índios tapuias foram enviados para realizarem a missão. Após vários ataques

sem êxito, Jacob Rabbi pede reforço ao forte. Os moradores do arraial resolveram se entregar, a rendição estava selada.

Em 2 de outubro de 1645, chegou de Recife o Conselheiro Bullestraten, enviado do Supremo Conselho holandês para verificação da ordem entre os luso-brasileiros. Entretanto, o mesmo trazia ordens para execução dos prisioneiros, portugueses. No dia seguinte, os colonos que se encontrava no forte, seria levados para Uruaçu. Seguindo à margem do Rio Potengi ao norte, chegando em Uruaçu foram exortados e despidos para renegação da fé católica, o que não ocorreu, sendo então mortos e decapitados partes dos seus corpos.

A recusa dos colonos luso-brasileiros de não aceitarem as mudanças de suas crenças religiosas, provocou nos holandeses um ódio cruel. Com isso, os massacres ocorreram com a ajuda do Judeu Jacob Rabbi e dos índios para assegurarem através do terror o domínio na capitania do Rio Grande do Norte.

## VI - EXPULSÃO DOS HOLANDESES

Após a saída de Maurício de Nassau do Brasil, <sup>de</sup> criou-se uma junta formada por três holandeses para a substituição administrativa na colônia. <sup>isso em</sup> Resulta ~~do~~ uma reação contrária dos colonos, começando uma resistência armada contra o domínio holandês.

A restauração do poder lusitano, juntamente com a expulsão dos holandeses do Maranhão e o corte nos gastos militares, contribuíram para desestruturar o domínio holandês. Elaboram-se <sup>planos</sup> planos para a restauração do poder luso na capitania do Rio Grande do Norte e Pernambuco. Em 1645, o poder holandês foi reduzido a pequenas concessões das capitanias pelo litoral nordestino. O cerco luso <sup>foi</sup> vai se fechando, ~~no~~ ano de 1648, foi restabelecido a independência da Holanda perante a Espanha com a paz de Muster. No mesmo ano que Portugal restabeleceu o seu domínio em Angola. O banco de Amsterdã <sup>retira</sup> retirou o seu capital das companhias holandesas, resultando um maior enfraquecimento do domínio holandês no Brasil, Rio Grande do Norte.

A Holanda passava por uma crise, no envolvimento da Guerra da Navegação com a Inglaterra, (forçando) ao desvio de capital e atenção que seriam destinados ao Brasil, (forçando) aos holandeses ficarem sem nenhuma ação comercial marítima.

Em 1654, os holandeses foram vencidos e expulsos pela armada luso-brasileira. A Holanda aceitou a perda da guerra, assinando a rendição da campinada Taborda. E em 1661, a Holanda <sup>assinou</sup> assinou o acordo da Paz da Haia, reconhecendo o domínio português sobre o nordeste brasileiro e na Angola.

Após a expulsão dos holandeses, a capitania do Rio Grande do Norte ficou completamente devastada. A população quase tinha desaparecido e as plantações e gado bovino<sup>?</sup> todos destruídos. As casas tinham sido incendiadas. O governo foi assumido por Antônio Vaz Gondim, foram tomadas medidas para reorganizar a capitania e reconstruir a capela e iniciar uma nova política de povoamento. Foi criado um processo de doação de sesmarias e o incentivo a penetração para o interior, que foi alicerçada pela pecuária.

## VII - CONCLUSÕES

O período de dominação holandesa na capitania do Rio Grande, não foi seguido de grandes realizações administrativas, havia somente duas únicas preocupações; a de dominar, eliminando qualquer resistência política-religiosa e de explorar economicamente a produção açucareira.

Os massacres feitos pelos holandeses na capitania do Rio Grande do Norte não constituem um caso isolado, pois os colonizadores europeus; ingleses, portugueses e espanhóis nas Américas, praticava<sup>m</sup> de forma indiscriminada as mesmas atrocidades sofridas pela população local, que foi mistificada pela historiografia norte-riograndense.

A capitania do Rio Grande do Norte, exercia na visão geopolítica, uma situação privilegiada, como ponto de apoio para o domínio holandês que perdurou por trinta anos de dominação.

A vinda do Conde Maurício de Nassau para o Brasil, Nordeste. Influenciou de forma marcante nos relacionamentos entre os colonos luso-brasileiros; desenvolvendo assim uma época de grandes realizações em Recife, Pernambuco. Percebemos a sua força, quando Nassau é forçado a sair do Brasil, desestruturando ainda mais o poder holandês no Brasil. A capitania do Rio Grande do Norte entretanto não sofreu grandes mudanças no período do governo de Nassau.

## VIII - CRONOLOGIA

### Século XVII

- 1612 - Franceses, comandados por Daniel La Touche atacam o litoral do Maranhão e fundam o Forte de São Luis. A Colônia Francesa recebe o nome de França Equinocial.
- 1615 - Os franceses são expulsos do Maranhão. Criação da capitania do Maranhão.
- 1616 - Fundação do povoado de Nossa Senhora do Belém.
- 1621 - Divisão da colônia entre os estados do Maranhão e do Brasil.
- 1624 - Primeira invasão holandesa. Conquista da cidade de Salvador.
- 1625 - Expulsão dos holandeses da Bahia. E preparativos de invasão contra o RN.
- 1629 - Antônio Raposo Tavares e Manuel Preto, à frente de uma grande expedição, atacam e destróem Guairá, escravizando milhares de índios.
- 1630 - Segunda invasão holandesa. Ocupação de Olinda e Recife. Início do Quilombo de Palmares. Exploração territorial na capitania do RN.
- 1637 - Chegada ao Brasil do Conde João Maurício de Nassau, encarregado de administrar os territórios ocupados pelos holandeses.
- 1640 - Dissolução da União Ibérica. Sobe ao trono português Dom João IV, iniciando a dinastia de Bragança.
- 1641 - Os holandeses ampliam os territórios ocupados: conquistam Sergipe e Maranhão.

**1642** - Criação do Conselho Ultramarino, com a função de centralizar a política colonial.

**1644** - Nassau volta para a Holanda. Ataque ao Quilombo de Palmares.

**1645** - Início da ofensiva para expulsão dos holandeses. Insurreição pernambucana.

**1649** - Formação da Companhia Geral do Comércio do Brasil.

**1654** - Expulsão definitiva dos holandeses. Capitulação da Campina de Taborda.

**IX - BIBLIOGRAFIA**

- 01 - CASCUDO, Luís da Câmara. Geografia do Brasil holandês. Rio de Janeiro: J. Olympo, 1956.
- 02 - \_\_\_\_\_. História do Rio Grande do Norte. Natal: Achiamé, 1984.
- 03 - \_\_\_\_\_. História da cidade do Natal. Natal: UFRN, 1984.
- 04 - GALVÃO, Hélio. História da fortaleza da barra do Rio Grande. Rio de Janeiro: MEC, 1979.
- 05 - HISTÓRIA do Rio Grande do Norte. Natal: Tribuna do Norte: FJA, 1997, 02.p.5.
- 06 - \_\_\_\_\_. Natal: Tribuna do Norte: FJA, 1997. 03.
- 07 - \_\_\_\_\_. Natal: Tribuna do Norte: FJA, 1997. 04.
- 08 - \_\_\_\_\_. Natal: Tribuna do Norte: FJA, 1997. 05.
- 09 - LIRA, A. Tavares. História do Rio Grande do Norte. Natal: Tip. Lenzinger, 1921.
- 10 - MEDEIROS, Tarcísio. Aspectos geopolíticos e antropológicos da história do Rio Grande do Norte. Natal: Imprensa Universitária, 1973.
- 11 - \_\_\_\_\_. Proto-história do Rio Grande do Norte. Rio de Janeiro: Presença, 1985.



- 12 - MELO, João Alves de. História e história do Rio Grande do Norte. Natal: Imprensa Oficial, 1950.
- 13 - MOURA, Pedro. A fortaleza dos reis magos e a capitania do Rio Grande. Natal: F.J.A, 1979.
- 14 - ONOFRE JÚNIOR, Manoel. O diabo na guerra holandesa. [s.n.t].
- 15 - POMBO, Rocha. História do estado do Rio Grande do Norte. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1921.
- 16 - SCHALKWIJK, Frans Leonard. Igreja e estado no Brasil holandês: 1630-1654. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1989.

